

**PLANTAS MEDICINAIS E OS SABERES TRADICIONAIS DE MULHERES DA
AGROVILA ITAQUI - CASTANHAL/PA**

**MEDICINAL PLANTS AND THE KNOWLEDGE OF WOMEN FROM AGROVILA
ITAQUI - CASTANHAL/PA**

**PLANTAS MEDICINALES Y CONOCIMIENTOS TRADICIONALES DE LAS
MUJERES DE AGROVILA ITAQUI - CASTANHAL/PA**

Recebido em: 15/10/2024

Aceito em: 12/12/2024

Publicado em: 28/12/2024

Bianca de Araujo Neves¹
Universidade do Estado do Pará

Pedro Alace Lameira dos Santos²
Instituto Federal do Pará

Mannoella de Araújo Neves³
Secretaria de Educação Santarém Novo

Thalya Souza da Silva⁴
Instituto Federal do Pará

Neila Lameira Santos⁵
Instituto Federal do Pará

Resumo: A pesquisa buscou compreender, sob uma perspectiva teórica decolonial, as práticas de cura com plantas medicinais feitas por mulheres da Agrovila Itaqui, no município de Castanhal (PA). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo (Severino, 2014), de cunho qualitativo (Minayo, 2002), com enfoque decolonial (Arias, 2010), cujas técnicas de investigação consistem em entrevistas narrativas e observação participante (Arias, 2010). Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram câmera fotográfica/filmadora, gravador e diários de campo. Dialoga-se teoricamente com Rommel Gonçalves de Sá (2019), Patrício Guerreiro Arias (2010), Adriana Guzmán Arroyo (2019), Antônio Bispo (2023), Miguel Arroyo (2021), Albuquerque e Faro (2012), Quaresma (2015) e Daniela Silva (2019). Através do diálogo entre as interlocutoras de pesquisa e as referências bibliográficas, foi possível compreender que, dentro da possibilidade de observação-participação, bem como a compreensão dos fenômenos socioculturais que circundam a construção dos saberes das mulheres de Itaqui acerca das plantas e seus poderes de cura, é iminente que essas pedagogias são pontes para co-criação de novas consciências de educações e de existências. “Educações”, no plural, na medida em que elas compartilham maneiras de produzir conhecimentos pluridiversos em seus cotidianos.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: biancanevesaraujo5@gmail.com

² Graduando em bacharelado em Agronomia pelo IFPA - Campus Castanhal. E-mail: pedrosantos.ala@gmail.com

³ Professora da rede pública de ensino Santarém Novo/PA. Especialista em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia (IFPA). Pedagoga (UFPA). E-mail: mannuneves24@gmail.com

⁴ Técnica em Agropecuária pelo IFPA - Campus Castanhal, coordenadora de projetos e educadora popular (Coletivo Miri). E-mail: thalysilva.souza11@gmail.com

⁵ Graduanda em licenciatura em Geografia pelo IFPA - Campus Belém e coordenadora de projetos do Coletivo Miri. E-mail: neilals705@gmail.com

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Plantas Medicinais; Mulheres Camponesas; Amazônia paraense.

Resumen: La investigación buscó comprender, desde una perspectiva teórica decolonial, las prácticas de curación con plantas medicinales realizadas por mujeres de Agrovila Itaquí, en el municipio de Castanhal (PA). Metodológicamente, se trata de una investigación de campo (Severino, 2014), de carácter cualitativo (Minayo, 2002), con enfoque decolonial (Arias, 2010), cuyas técnicas de investigación consisten en entrevistas narrativas y observación participante (Arias, 2010). Los instrumentos utilizados para la recolección de datos fueron una cámara fotográfica/videocámara, un registrador y diarios de campo. Se discute teóricamente con Rommel Gonçalves de Sá (2019), Patrício Guerreiro Arias (2010), Adriana Guzmán Arroyo (2019), Antônio Bispo (2023), Miguel Arroyo (2021), Albuquerque e Faro (2012), Quaresma (2015) y Daniela Silva (2019). A través del diálogo entre los interlocutores de la investigación y referencias bibliográficas, fue posible comprender que, dentro de la posibilidad de la observación-participación, así como la comprensión de los fenómenos socioculturales que rodean la construcción del conocimiento de las mujeres itaquenses sobre las plantas y sus poderes de curación, es inminente que estas pedagogías sean puentes para co-crear una nueva conciencia de la educación y la existencia. “Educaciones”, en plural, en la medida en que comparten formas de producir conocimientos pluridiversos en su vida cotidiana.

Palabras-chaves: Conocimientos tradicionales; Plantas medicinales; Mujeres campesinas; Pará Amazonas.

Abstract: The research sought to understand, from a decolonial theoretical perspective, the healing practices with medicinal plants carried out by women from Agrovila Itaquí, in the municipality of Castanhal (PA). Methodologically, it is a field research (Severino, 2014), of a qualitative nature (Minayo, 2002), with a decolonial focus (Arias, 2010), whose investigation techniques consist of narrative interviews and participant observation (Arias, 2010). The instruments used for data collection were a camera/camcorder, recorder and field diaries. It is theoretically discussed with Rommel Gonçalves de Sá (2019), Patrício Guerreiro Arias (2010), Adriana Guzmán Arroyo (2019), Antônio Bispo (2023), Miguel Arroyo (2021), Albuquerque e Faro (2012), Quaresma (2015) and Daniela Silva (2019). Through dialogue between the research interlocutors and bibliographical references, it was possible to understand that, within the possibility of observation-participation, as well as the understanding of the sociocultural phenomena that surround the construction of the knowledge of the women of Itaquí about plants and their powers of cure, it is imminent that these pedagogies are bridges for co-creating new awareness of education and existence. “Educations”, in the plural, insofar as they share ways of producing pluridiverse knowledge in their daily lives.

Keyword: Traditional knowledge; Medicinal Plants; Peasant Women; Pará Amazon.

INTRODUÇÃO

A pesquisa analisou, sob uma perspectiva teórica decolonial, as práticas de cura com plantas medicinais feitas por mulheres da Agrovila Itaquí, no município de Castanhal (PA). Por se tratar de um território atravessado por histórias e saberes culturais ancestrais afro-indígenas, Itaquí é um lugar onde as pessoas ainda tomam banho no igarapé Mirí, o qual está sob ameaça de extinção, pois o processo de degradação está cada vez mais acelerado devido ao assoreamento e poluição causada pelas fazendas nas proximidades.

Nesse contexto, durante vivências nessa comunidade, identificou-se a presença de práticas medicinais com plantas nativas da região, tais como as garrafadas com cascas de árvore para a limpeza uterina, por exemplo, dentre outras práticas de cura. Apesar dessa potencialidade de conhecimento vivo, ele está sob constante ameaça, primeiramente devido ao desmatamento para a criação de gado em fazendas nos arredores da Vila, além do baixo

número de pessoas que ainda conhecem as contribuições medicinais dessas plantas para o tratamento de diversas doenças.

Deste modo, a pesquisa busca compreender como as mulheres da Agrovila Itaquí, em Castanhal/PA, desenvolvem os seus saberes-culturais com os remédios naturais, a dimensão pedagógica dessas práticas e sua relação com a educação afroindígena e intercultural na Amazônia paraense.

Diante do colapso em que o planeta vive, é urgente que se mantenham pesquisas em territórios e comunidades que ainda preservam práticas de cuidado de si e do outro por meio de saberes-fazeres culturais da Amazônia, a fim de fortalecer a diversidade cultural presente em seus territórios, isso inclui compreender como se dá a relação de mulheres camponesas com a natureza, presente na feitura de remédios naturais (chás, banhos, xaropes, óleos vegetais como andiroba, copaíba dentre outros).

O racismo construído pela colonização provoca o silenciamento desses conhecimentos tradicionais, que são manifestados em práticas do dia a dia, através das experiências de oralidade. Sobre este ponto, Stuart Hall (1995) argumenta que precisamos “substituir a definição biológica de raça pela sócio-histórica ou cultural”. Em outras palavras, é preciso romper com uma estrutura racista pré-estabelecida, a qual distingue quais conhecimentos histórico-culturais são considerados “verdadeiros”, a ponto de oficializá-los, provocando uma “monocultura de saberes”. Deste modo, percebe-se que os saberes femininos tradicionais, em toda a sua diversidade cultural, são vítimas do racismo, fato que torna imprescindível que esses conhecimentos sejam valorizados através de uma prática antirracista, no intuito de garantir a manutenção da vida na Terra.

Outra motivação que nos incita a pesquisar sobre esse tema é o fato de que durante o Projeto Gale-Rua, em 2021 – aprovado no Edital Vicente Salles, da Fundação Cultural do Pará –, foi possível dialogar e conhecer mulheres e homens que participam coletivamente na construção de uma pedagogia do cotidiano em sintonia com a natureza na Agrovila Itaquí, sendo que o presente texto é um desdobramento do projeto, no qual as narrativas das mulheres que protagonizam os saberes acerca das plantas medicinais podem ecoar por vários espaços.

Saberes que ainda são silenciados pela lógica epistemológica dominante imposta pela ciência moderna, a qual serve aos colonizadores, os mesmos que continuam a explorar predatoriamente a América Latina, inclusive a nossa região, centro de nossos olhares investigativos: a Amazônia paraense, onde as histórias orais, os imaginários, as encantarias, as conversas com as plantas e seres encantados ainda [re]existem.

Ao fazer ecoar as vozes dos sujeitos que salvaguardam a natureza, os sujeitos que vivem nos territórios tradicionais, por meio de atitudes coletivas de diálogo com a Terra, cuidam e mantêm de diversas formas a Amazônia de pé. Em meio aos dados alarmantes de desmatamento, queimadas, assoreamento de rios e igarapés e poluição das águas, as comunidades camponesas estão agindo com seus conhecimentos ancestrais diários para reverter a situação. É quando a utopia acontece em meio à distopia (RAMOS, 2019).

É por esse viés que se tem como fenômeno de estudo os saberes-fazeres ambientais de mulheres da Agrovila Itaqui, em Castanhal (PA), bem como os aspectos pedagógicos de suas práticas com as plantas medicinais. O problema que move essa pesquisa está centrado em compreender como as mulheres camponesas castanhalenses desenvolvem seus saberes-fazeres com plantas medicinais, quais os aspectos pedagógicos de suas práticas e distinguir os impactos que essas práticas têm para a transformação social e preservação ambiental?

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos caminham pela trilha da pesquisa qualitativa (MINAYO, 2002), com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo (SEVERINO, 2014). As técnicas de entrevista são semiestruturadas e etnofotográficas, com base nos pressupostos de Meirinho (2017), ao considerar a fotografia um meio de diálogo e comunicação entre pesquisador e sujeitos de pesquisas, demonstrando as expressões e manifestações culturais das mulheres das comunidades, bem como as suas relações com as plantas medicinais.

Inicialmente, durante a fase de elaboração desse estudo, foram feitas revisões bibliográficas de pesquisas já feitas sobre temas semelhantes na Plataforma Capes e Biblioteca brasileira de Teses e Dissertações, de modo a se ter um mapeamento inicial do que vem sendo pesquisado sobre saberes tradicionais amazônidas e pedagogia decolonial. Tem-se como foco as mulheres rurais e seus conhecimentos da experiência com a natureza, principalmente no âmbito dos remédios, banhos e ritualísticas.

Por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa (MINAYO, 2002), após a pesquisa bibliográfica foi feita a pesquisa de campo (SEVERINO, 2014), cujo enfoque é decolonial (ARIAS, 2010). Nesse sentido, a pesquisa caminhou metodologicamente por vivências junto com 3 mulheres moradoras da Agrovila Itaqui, as quais cultivam uma relação de afeto com a Terra, com a produção de remédios naturais e cuidado de seu território por meio de pedagogias da natureza, juntamente a todos que fazem parte desse espaço.

A coleta de dados se deu através de observação-participante, conversas informais e entrevistas narrativas, com a utilização de diários de campo, gravador e máquina fotográfica. No decorrer da pesquisa foi utilizada a metodologia de etnofotografia como parte da coleta de dados de pesquisa. De acordo com Daniel Meirinho (2017, p. 59), “a imagem fotográfica pode ser o elemento de diálogo e relações entre o pesquisador e o sujeito”, de modo que, durante o processo de pesquisa, o sujeito pesquisado se torne um pesquisador de suas próprias experiências e narrativas.

De acordo com o mesmo autor, os “recursos visuais não são apenas um suporte de pesquisa, mas um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural e dos contextos sociais” (MEIRINHO, 2017, p. 62). Isto é, a vivência de pesquisa, quando se dá com o fazer de imagens fotográficas, pode servir também como um modo de comunicar visualmente a respeito das narrativas que são estudadas, assim como expressões, movimentos, cores, territórios e documentos históricos, dos quais se pode ecoar histórias outras de sujeitos que foram e ainda são invisibilizados pela colonialidade do ser, saber e poder.

Além disso, foram produzidos vídeos das falas principais das interlocutoras da presente pesquisa, esses vídeos estão disponíveis no canal Gale-Rua, na plataforma YouTube. Essas produções audiovisuais são parte do produto do Projeto I Gale-Rua, que aconteceu em 2021, na Agrovila Itaqui. Para que esse projeto se tornasse possível, quem guiou o projeto foi Pedro Alace, um jovem morador, articulador do Itaqui e autor deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das vivências coletivas junto às mulheres durante o Projeto Gale-Rua, observou-se a gama de saberes relacionados às práticas de cura por meio de plantas e outros recursos naturais presentes no território. As relações sociais, as dinâmicas territoriais e as estruturas de poder da comunidade contribuem de forma significativa nos processos coletivos de identidade e territorialidade. Durante o projeto, fez-se registros fotográficos das mulheres protagonistas e criou-se uma foto-colagem que foi exposta em um dos muros da Vila.

IMAGEM 1 - FOTOCOLAGEM DA GALE-RUA.



Fonte: Fotocolagem do acervo do Projeto em que estão Mônica, Haideé, Raimunda, Maria Regiane, Jurema e Neila, 2021.

Essa fotocolagem foi produzida como um dos desdobramentos do Projeto Gale-Rua, cujo objetivo principal foi potencializar os saberes das mulheres por meio da democratização da arte de lambe-lambe na Vila do Itaqui, ou seja, buscou-se fazer da Vila uma galeria de arte viva, acessível a todos os moradores do lugar. Neste ponto, percebe-se que arte tem contribuição fundamental enquanto manifestação cultural e de valorização da memória coletiva da comunidade.

Além disso, é importante destacar que a ética do trabalho se deu pela ética do cuidado, uma vez que o envolvimento das pessoas que integram a comunidade foi imprescindível para a construção desta pesquisa. Em outras palavras, a autoria deste estudo advém de pessoas que são parte da família das interlocutoras de pesquisa, o que caracteriza, portanto, uma ética da escrivência e registros dos saberes das mulheres da Vila Itaqui, no município de Castanhal (PA).

Nesse contexto, durante as entrevistas narrativas e observação-participante, percebeu-se que o caráter pedagógico das práticas culturais das mulheres que protagonizaram a pesquisa é apresentado por meio do compartilhamento de saberes. Isso é notável na fala de Maria Regiane, ao discorrer sobre essas práticas pedagógicas de cura, as quais ela aprendeu e compartilha com as pessoas que a procuram para serem tratadas com a medicina natural “Teve pessoas que já chegou pra mim que tinha cisto, já tomou minha garrafada, já não tem mais cisto então isso pra mim é muito maravilhoso né. A gente descobrir essa descoberta

assim na mata, tem várias coisas que a gente ainda não sabe, que falta a gente descobrir ainda né” (REGIANE, 2021).

Maria Regiane traz em sua narrativa a alegria de poder ajudar outras pessoas com os saberes tradicionais que aprendeu com sua sogra, quando foi morar na Agrovila Itaqui. Ela nasceu no município de Capitão Poço, em uma comunidade interiorana chamada Açaiteua, aos 18 anos foi morar com seu companheiro no Itaqui. E um determinado período de sua vida, adoeceu, sentindo fortes dores em suas pernas e costas. Sua sogra, então, a orientou a produzir os remédios naturais, a fim de restabelecer a sua saúde, foi neste momento em que Maria Regiane se iniciou nos saberes-fazer das garrafadas.

Ela também destaca os saberes dos banhos em sua narrativa:

E sobre os banhos né, é muitas plantas que a gente faz banho né, pra gripe, faz pra tosse. Então acho que a maioria das pessoas que moram na colônia elas veve mais disso, quando adoece uma criança, gripa, fica com tosse. É mais pelas plantas né, tem muitas pessoas que não compra remédio de farmácia, mais são as nossas plantinhas que a gente planta né, que a gente colhe elas (MARIA REGIANE, 2021).

Nota-se que Maria Regiane, uma mulher camponesa que valoriza os saberes tradicionais, tem o papel de ecoar esses conhecimentos intergeracionais. Por meio de suas vivências e necessidade, ela teve acesso a esses saberes culturais com sua sogra, o que a levou a compreender a relevância dos encontros pedagógicos entre mulheres mais novas e mais velhas que cultivam a busca pelo bem-viver comunitário.

Rommel Gonçalves de Sá (2019), em sua dissertação Memória social do uso de plantas medicinais em uma comunidade ribeirinha do Amazonas, argumenta que as mulheres camponesas têm um papel crucial de manter viva e em movimento a memória social das comunidades através da produção de conhecimentos cotidianos.

Vale ressaltar que esses saberes ainda são muito marginalizados devido a colonialidade do saber (ARIAS, 2010), esta que foi imposta pelos colonizadores com a instituição de uma ciência dita universal e racista. Entretanto, através do diálogo com as participantes da pesquisa, é possível ter acesso e trazer maior visibilidade a outras maneiras de produzir conhecimentos, que transbordam as estruturas da ciência moderna ocidental.

Dona Raimunda, também conhecida como Dona Mundica, tem 81 anos, destaca em sua fala que:

[...] Eu fui criada só com as coisas da natureza, todo mundo [...] criado com as coisas da natureza, era com peixe. A gente ia tirar a goma pra cá, que a gente trabalhava com goma né, quando era levava ou era feijão, fava essas coisas que dava tudo na natureza lá a gente comia. E pegava os peixe, comia assado e fomo criado assim né, era tudo mais difícil, mas era uma vida saudável [...] (MATOS, 2022).

Dona Raimunda salienta que durante sua infância e juventude, sua vida era regada pelos alimentos advindos das matas e dos rios que ainda eram saudáveis, o que lhe permitia ter uma vida saudável. Ao demonstrar uma prática contracolonial (BISPO, 2023) de resistência à lógica colonialista, Dona Raimunda valoriza o bem-viver em diálogo com a natureza, levando esses saberes para outras gerações.

Essa fala de Dona Raimunda aqui é interpretada em diálogo com a narrativa da feminista comunitária Adriana Guzmán Arroyo (2019), na qual a autora descreve o seguinte:

Las luchas y resistencias de nuestras abuelas fueron anti sistémicas, anticoloniales, hechas desde sus saberes y desde la comunidad, no desde el individualismo burgués liberal. Entonces la raíz ilustrada del feminismo, que reclaman las clasificaciones históricas “oficiales”, simplemente no es la nuestra, porque nosotros partimos de la comunidad (ARROYO, 2019, p. 13).

Neste sentido, nossas referências de mulheres revolucionárias são nossas mais velhas, elas que trazem, por meio do cultivo da memória coletiva, as sabedorias dos antepassados indígenas e africanos que foram dizimados pela colonização, o que nem sempre é escancarado, pois está presente nos detalhes dos saberes culturais. É através da permanência da prática de feitura dos remédios naturais que elas resistem ao processo violento da colonialidade do saber. Elas nos ensinam sobre nossas culturas e histórias através da prática; isso não está escrito nos livros didáticos, mas sim no cotidiano de cada uma delas, ao compartilhar com quem tiver curiosidade de aprender com elas.

Ademais, Dona Haidée Santos, também enfatiza o saber-fazer dos banhos de cheiro feito com plantas cultivadas no quintal:

[...] ah isso aqui é muito bom pra a gente tomar esse banho todo de vez em quando é muito bom, isso tira muito a quentura da cabeça da gente, aquele mal estar. Principalmente o alecrim com a canela. Esse aqui tem alfavaca, e diz que que é aquele afavacão, afavaca daquela graúda. [...] grelo, folha de limãozinho, manjeriço, arruda e japana [...] (SANTOS, 2021).

Em sua narrativa, Dona Haidée transborda os conhecimentos vivenciados no seu cotidiano em relação aos banhos de cheiro. Esses banhos que possibilitam o bem-estar das

peçoas, banhos que acalmam as quenturas da cabeça, relaxam, também aliviam os sintomas da gripe e outros males que afetam o ser humano. São saberes orgânicos sobre os quais nos fala Antônio Bispo (2023, p. 12), ao afirmar que “o saber orgânico é o saber que se desenvolve desenvolvendo o ser, o saber sintético é o saber que se desenvolve desenvolvendo o ter”.

Deste modo, os saberes orgânicos estão entrelaçados com a ancestralidade negra e indígena de povos que sofreram com o processo de colonização, mas resistiram e ressignificaram suas existências a partir da criação cultural coletiva e educativa. Logo, esses conhecimentos das mulheres sobre as medicinais da natureza se orientam a partir de mulheres antigas da comunidade; elas, por sua vez, hoje compartilham através da oralidade, as práticas medicinais da floresta.

Arroyo (2021) demonstra que são as experiências de produção de conhecimento criadas pelos outros sujeitos que foram subalternizados – pessoas de baixa renda, mulheres, negros, trabalhadores sem-terra, sem teto, mães e pais de santo, indígenas, camponeses, dentre outros – que constroem outras pedagogias. Por esse ângulo, tem-se como base a perspectiva de que o “Outro” é todo aquele que não é o “Nós”, sendo que o Nós é o intelectual colonizador, que tem o domínio das teorias pedagógicas excludentes, inclusive o domínio econômico e social.

No livro “Outros sujeitos, outras pedagogias”, Arroyo (2021) destaca que os saberes-fazeres do cotidiano dos sujeitos coletivos são cruciais para a construção de suas próprias existências. Entre subjetividades e objetividades se fazem humanos históricos capazes de criar e intervir no mundo, sendo essas simbologias indispensáveis ao processo de luta pela vida digna. Do mesmo modo, a fé, as músicas, as místicas, as danças, os rituais, também fazem parte das experiências de trabalho do dia a dia.

Por esse mesmo caminho, Albuquerque e Faro (2012) colaboram no debate sobre a pajelança feminina na Amazônia, onde constitui-se o início de um reconhecimento epistemológico dessas práticas, levando em conta o suposto de que a pajelança e a cura por meio da relação com os encantados e as plantas, podem ser classificadas como como práticas educativas, uma vez que buscam apreender e pôr em circulação uma ampla gama de saberes, comunitariamente perpassados por gerações.

Os estudos acerca das epistemologias produzidas nas experiências pedagógicas de cuidados por meio das ervas medicinais se trata de uma manifestação histórico-cultural de saberes-fazeres outros, especialmente os produzidos por mulheres camponesas, que dialogam

com a Terra e fazem a manutenção e cuidado de seus territórios ancestrais e de todos que o habitam.

Em um contexto de novas ruralidades brasileiras, em trabalhos como o de Quaresma (2015), apresentam-se evidências que apontam para a necessidade de rompimentos com as formas silenciosas de discriminação e invisibilização das mulheres do campo, propondo uma travessia para a valorização do sujeito feminino enquanto indispensáveis para a reprodução social.

Mulheres que cultivam seus remédios em seus quintais coletivos, de acesso democrático a quem precisa de uma planta para dor de barriga, dor de cabeça, infecção urinária ou até mesmo problemas no útero.

Por isso, de acordo com Silva “Pensar a produção de saberes através da relação com a natureza nos remete a movimentos de ruptura necessários e de resgate aos saberes ancestrais construídos em cada época passada, indispensáveis na conservação e modos de vida de cada mulher do campo para o presente e o futuro” (SILVA, 2019, p. 18).

Pesquisas que caminham junto com mulheres camponesas, que valorizam seus saberes sobre as plantas medicinais, podem contribuir para valorizar e potencializar o protagonismo feminino rural. Uma vez que ajudam a cocriar coletivamente epistemologias em diálogo com a natureza, pois se trata de práticas que estão presentes no contexto da Amazônia paraense e fazem parte das histórias silenciadas pela colonização e o patriarcado.

Desta maneira, nota-se o seguinte fato “A região Amazônica, em sua complexidade, é caracterizada por uma acentuada diversidade de grupos humanos, experiências históricas e ambientais, situações sociolinguísticas, poéticas e imaginários que se engendram, por conseguinte, diferentes processos educativos bem como múltiplos saberes” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 25).

Nesse contexto, dialoga-se com Albuquerque (2016), ao compreender pelas narrativas de Dona Raimunda, Maria Regiane e Haideè, que seus conhecimentos acerca das plantas medicinais estão enraizados nas memórias coletivas comunitárias da Agrovila Itaquí. São Sabedorias Insurgentes sobre as quais nos fala Guerreiro Arias (2010), ao apontar que são esses saberes que nos provocam a decolonialidade do que significa fazer ciência, pois existem várias maneiras de produzir conhecimentos.

Ademais, essas mulheres camponesas nos ensinam a importância da Alteridade Cósmica (ARIAS, 2010), que diz respeito à construção do aprendizado, não só com as pessoas, mas também com as plantas que curam. Essa compreensão que elas desenvolveram

através da relação com outras mulheres e a natureza, reverbera conhecimentos medicinais de cuidado com o outro, sendo o outro todo ser vivo que habita a Terra, valorizando a vida das crianças, das florestas, dos rios e de todos os seres vivos que compartilham a vida no território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da possibilidade de observação-participação, juntamente à compreensão dos fenômenos socioculturais que circundam a construção dos saberes das mulheres de Itaquí acerca das plantas e seus poderes de curas, é iminente que essas pedagogias são pontes para cocriação de novas consciências de educações e de existências. “Educações”, no plural, na medida em que elas compartilham maneiras de produzir conhecimentos pluridiversos em seus cotidianos.

Esses saberes medicinais estão conectados com as plantas e as memórias vivas de cada uma delas. Memórias corporificadas por elas, em meio as suas relações com o território, o qual se encontra sob ameaça de morte, uma vez que o Igarapé Mirí sofre de uma seca gradual e, com a morte do rio, vão-se também as vidas dos seres que vivem por meio do curso das águas. Segue, portanto, a cosmopercepção de que não somos superiores à Terra, mas sim que fazemos parte dela e dependemos dela para estarmos vivas.

As mulheres, cujas sabedorias insurgentes (ARIAS, 2010) estão também sob ameaça de desaparecer devido à modernidade/colonialidade (ARIAS, 2010), a qual impera na memória da contemporaneidade, que subalterniza e marginaliza os conhecimentos tradicionais. Em detrimento desse processo de dominação, hoje são poucas as mulheres hoje que têm acesso a esses saberes-fazer e compartilham de forma solidária, contra colonizando (BISPO, 2023) o sistema capitalista que invade os imaginários e impõe a tudo que existe os valores de troca capitalista.

As mulheres sábias do Itaquí nos ensinam que é precisamos nos rever e nos reinventar, a fim de nos curarmos junto com as forças da natureza, isto se dá através de sabedorias compartilhadas entre gerações que se encontram. Os remédios nascem da Terra e curam as doenças, esses conhecimentos estão vivos porque fluem com o tempo e são ressignificados a cada geração que os mantém vivos por meio da oralidade e da experiência comunitária de solidariedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. B. B.; FARO, M. C. S. Saberes de Cura: Um estudo sobre Pajelança Cabocla e Mulheres Pajés da Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 13, p. 01-16. 2012.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B, Org. **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais**. Belém: EDUEPA, 2016.

ARIAS, Patrício Guerreiro. **Corazonar. Una antropología comprometida con la vida: miradas oras desde Abya-Yala para la decolonización dele poder, del saber y del ser**. Ediciones Abya-Yala, Quito - Ecuador, 2010.

ARROYO, Adriana Guzmán. **Descolonizar la Memoria, Descolonizar los Feminismos**. 2ª ed, La Paz - Bolívia, 2019.

HILL, J.. Etnicidade na Amazônia Antiga: reconstruindo identidades do passado por meio da arqueologia, da linguística e da etno-história. **Ilha**. Revista de Antropologia v. 15, n. 1, p. 35-69. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2013v15n1-2p34>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

MEIRINHO, D. A fotografia como suporte para o envolvimento nas pesquisas sociais / photography as support for social researches' engagement. Vivência: **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 50, 2017. DOI: 10.21680/2238-6009.2017v1n50ID13361. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/13361>. Acesso em: 13 jul. 2022.

QUARESMA, A. **Mulheres e quintais agroflorestais: a “ajuda invisível” aos olhos que garante a reprodução da agricultura familiar camponesa amazônica**. 4ª. Ed. Brasília: Karla Hora; Gustavo Marcelo; Marcela Rezende (Org.), 2015.

SÁ, Rommel Gonçalves de. **Memória social do uso de plantas medicinais em uma comunidade ribeirinha do Amazonas**. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/>. Acesso em: 13 de jul. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da Terra. In: **TERRA: antologia afro-indígena**. Vários autores; Organização e apresentação Felipe Carnevalli, Fernanda Regaldo, Paula Lobato, Renata Marquez e Wellington Cançado. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEGRAMA, 2023.

SILVA, Daniela Alves da. **A sabedoria que vem da terra: diálogo entre mulheres, plantas medicinais e ensino de ciências da natureza**. Porto Alegre, 2019. Monografia (Graduação em Educação do Campo/Ciências da Natureza) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Acesso em 31 de janeiro de 2024. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/199274/001101223.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.